

Gênero e *Unheimliche*: reflexões psicanalíticas sobre preconceito e violência

*Christiana Oliveira**

RESUMO

O presente artigo debate que na psicanálise o gênero é pensado a partir das relações edípicas e das múltiplas possibilidades desejanças do sujeito. A noção de “Unheimlich” e narcisismo das pequenas diferenças serão usados para refletir sobre preconceito e violência contra pessoas que manifestam seu gênero de uma maneira distinta da norma social vigente. Para tanto, autores como Foucault e Deleuze serão utilizados enquanto crítica ao excesso de discursos que vigiam e contribuem para a padronização do Eu, exigindo a subjetividade como um elemento subjacente à norma.

Palavras-chave: GÊNERO; *UNHEIMLICHE*; VIOLÊNCIA; PRECONCEITO; NARCISISMO.

Gender and *Unheimliche*: psychoanalytic reflections on prejudice and violence

ABSTRACT

This paper discusses how gender is thought of from the point of view of oedipal relations and the multiple desiring possibilities of the subject. The notion of the "Unheimlich" and the narcissism of small differences will be used to reflect on prejudice and violence against people who express their gender in a way that differs from the current social norm. To this end, authors such as Foucault and Deleuze will be used as a critique of the excess of discourses that monitor and contribute to the standardization of the Self, demanding subjectivity as an element underlying the norm.

Keywords: GENDER; *UNHEIMLICHE*; VIOLENCE; PREJUDICE; NARCISSISM.

Género y *Unheimliche*: reflexiones psicoanalíticas sobre prejuicio y violencia

RESUMEN

Este artículo analiza cómo se piensa el género desde la perspectiva de las relaciones edípicas y las múltiples posibilidades deseantes del sujeto. Se utilizará la noción de lo "Unheimlich" y el narcisismo de las pequeñas diferencias para reflexionar sobre los prejuicios y la violencia contra las personas que expresan su género de forma diferente a la norma social vigente. Para ello, se utilizarán autores como Foucault y Deleuze como crítica al exceso de discursos que vigilan y contribuyen a la estandarización del Yo, exigiendo la subjetividad como elemento subyacente a la norma.

Palabras clave: GÉNERO; *UNHEIMLICHE*; LA VIOLENCIA; PERJUICIO; NARCISISMO.

* Docente de Pós-graduação do Curso de Especialização em Psicanálise: Teoria e Técnica, da UNIVAP. Doutoranda pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP.

E-mail: chhriiss@hotmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7344-0742>

Introdução

A questão da identidade de gênero é um tema polêmico, que desafia o imaginário social e põe em xeque uma série de certezas flutuantes, edificadas e internalizadas em partes, através da moralidade social. A tentativa de englobar todos os sujeitos em uma única lógica estruturante como, por exemplo, a relação direta entre uma pessoa que nasce com pênis ter que ser um homem com expressões masculinas e uma pessoa que nasce com vagina ter que ser uma mulher feminina, acaba por criar falsas determinações que inibem uma série de reflexões e excluem sujeitos que escapam dessas diretrizes. Nesse sentido, temos uma exigência discursiva da heterossexualização do desejo (BUTLER, 2003). Tal determinação surge como uma perspectiva autoritária, fazendo com que as diferenças que fujam dessa ordem acabem hostilizadas e marginalizadas por gerarem estranhamento diante do desconhecido, ou mesmo “*Das Unheimlich*”, o estranho, inquietante, mas também comportando o familiar e íntimo (FREUD, 1919). O autor usa o termo em alemão para designar a sensação de inquietação ou mesmo de angústia e confusão diante daquilo que é visto como algo externo e distinto, mas que diz respeito ao interno e familiar, como, no caso, a sexualidade o é.

Nas premissas da psicanálise, as expressões da sexualidade perpassam todas as relações humanas, principalmente no contato entre os corpos e na estruturação desejante do sujeito. Nesse percurso, as diversas identificações que cada um realiza fazem parte da construção da identidade de gênero. Vale destacar que esse é um processo em constante movimento, afinal o sujeito em contato com o seu meio realiza múltiplas experiências que o transformam.

Nessa trajetória, a diversidade ganha corpo, inclusive literalmente, e se expressa socialmente e na psiquê humana, revelando-a também. Desse modo, a questão do gênero tem transitado cada vez mais, no entanto, sua visibilidade tem despertado reações que vão contra esse advento. Além do destaque para o estranho-familiar que aflige o Eu diante de algo que fica sem nome, revelando assim uma falta-presença que angustia, Freud (1924) põe em evidência a resistências que surgem diante de algo novo. Em seus escritos, ele aponta que a novidade exige adaptação e elaboração psíquica até ser aceita (ou não), já que de início, por ser novo, o medo é despertado. Esse medo pode gerar reações violentas no intuito de afastar e evitar o contato com essa estranheza e desconforto – elementos ligados ao preconceito.

O grande interesse em reprimir a sexualidade e reafirmar uma lógica que a designe revela uma insistência constante em manter o tema sempre afastado, mas há, nessa insistência, algo que o mantém sempre próximo – algo que é revelador sobre o tema e também sobre quem tem a inclinação de mantê-lo de tal forma. Foucault (1978) trabalha de maneira brilhante a ideia do controle dos corpos e de suas expressões subjetivas, explorando a ideia de uma normalização que aprisiona o que temos de mais diverso e único: o desejo. O desejo e suas expressões é o que nos caracteriza no enlace social. Nessa perspectiva, a tentativa de criar uma “lógica desejante” que siga normas e padrões numéricos acaba por esvaziar as possibilidades de ligação entre os sujeitos. Nas palavras de Deleuze (1988), a maioria é ninguém. Na tentativa de aglomerar e padronizar, ele afirma que a maioria é um padrão vazio, afinal somos quantitativamente incontáveis e incontroláveis se considerarmos o desejo.

Sendo assim, a busca por enquadrar e exigir uma postura adaptativa ao sujeito, principalmente levando em conta a violência ligada ao preconceito, pode acarretar

sofrimento ao humano, através de uma tentativa de adequação a esse esvaziamento postulado e cobrado pelas normas sociais.

Nessa perspectiva, é fundamental que haja proteção e garantias de direitos para os sujeitos que sofrem com o preconceito. A resistência diante do novo não pode ser usada como justificativa para a prática de injustiças sociais e violências na relação com o outro. Desse modo, o papel dos direitos humanos é imprescindível na proteção dos grupos que são alvo de preconceito, visando assegurar aspectos que ficam distorcidos ou ameaçados na relação social. Cabe ressaltar, no entanto, que se deve pensar no modo como tais direitos terão seu exercício garantido, para que não seja apenas uma maneira de reforçar a manutenção dessa estrutura; mascarando as causas das injustiças e focando apenas no reparo de suas consequências.

Discussão

Nós, como psicanalistas, temos o dever de nos manifestar contra as opressões direcionadas à população LGBTQIAPN+, já que levamos em conta as expressões subjetivas através da ética do desejo, pensando a partir da psicanálise. Freud (1920) posiciona-se de maneira exemplar nesse quesito: ao receber uma jovem homossexual em seu consultório na década de 20, sob a demanda do pai em “curá-la” de seu “desvio sexual” com base na lógica dominante da época, o analista coloca-se ativamente contra esse pedido. O médico nega-se a tratar uma expressão da sexualidade humana, mas aceita receber o caso porque identifica sofrimento na moça, que havia tentado suicídio por não ter seu amor correspondido, por sofrer preconceito no convívio social e por ser rechaçada pelos familiares nesse momento difícil. A história de 1920 ainda é, infelizmente, atual. Quantos jovens são expulsos de casa por questões ligadas às expressões de gênero? Quantos homossexuais morrem de maneira violenta e quantas travestis precisam viver à margem, se prostituindo, para tentar um lugar possível na sociedade? As minorias recebem essa denominação porque seus direitos ficam comprometidos, mas, ao contrário do que se pensa, as minorias estão em maior valor numérico na sociedade. Com base nessa premissa, vale pensar por que tais grupos despertam reações tão violentas contra suas aparições.

Uma das frases que marca a imagem é “A luta começou desde que percebi que meu corpo era proibido pra mim mesma”, como uma tentativa de expressar o controle dos corpos através da normalização e evidenciando a postura ativa da população oprimida através do preconceito e marginalização. É possível observar, também, as expressões de ódio no canto esquerdo inferior da imagem.

Miguel (2007) disserta sobre o narcisismo das pequenas diferenças, que pode ser usado para se pensar a base do preconceito. O autor resgata Freud (1917) em “O tabu da virgindade” para dizer que cada indivíduo se separa dos demais por um tabu de isolamento pessoal. Tal tabu vem como algo que o insere na sociedade por dizer a respeito da mesma, ao mesmo tempo em que também o separa, uma vez que sentimentos de estranheza e hostilidade são edificados diante do proibido. Todo proibido, no entanto, já foi outrora desejado, sendo que o limite é criado para separar o eu desse objeto que desperta fascínio e temor. Nesse movimento, está presente um mecanismo narcísico de autoafirmação ao mesmo tempo em que se diminui o outro distinto, hostilizando-o. Nas palavras de Miguel (2007): “o outro, o outro da cultura, do social, esse outro ao mesmo tempo próximo e distante, estranho e familiar, transforma-se em assunto central. Nesse

contexto, o narcisismo vai marcar o polo de oposição, aquilo que resiste ao outro” (p. 124).

Sendo assim, o que é visto no outro, como diferente, é rechaçado pelo eu narcísico. Vale questionar, no entanto: o que de tão nocivo no outro é visto pelo eu? O que há de tão amedrontador a ponto do sujeito movimentar-se bruscamente contra o objeto?



*Grafite próximo ao Largo do Arouche – SP/Br, local onde alguns grupos de resistência LGBTQIAPN+ atuam
Fotografia autoral (2019)*

Já que a temática em pauta é a questão do gênero, vale destacar o período pré-Edípico, momento em que o Eu narcísico busca encher-se de prazer e completude,

apoiado nos objetos ao seu redor, configurando-se no narcisismo primário, base constitutiva do Eu. Nesse período, o sujeito vai se identificando gradualmente com os objetos que o gratificam. Vale lembrar, porém, que nesse momento a criança não reconhece as diferenças sexuais. Em outras palavras, a questão do gênero vem com a escolha Edípica, sendo que os objetos de prazer eram, até então, ligados à sexualidade perverso-polimorfa da criança. Não havia lugares no corpo infantil que eram proibidos internamente, assim como a tentativa do uso dos objetos para se obter prazer. Portanto, na primeira infância há primeiro o reconhecimento do prazer, para posteriormente e a partir do mesmo, a escolha de objeto ser feita, estruturando assim as identificações de gênero. Se, no Édipo, o desafio pessoal é conseguir abandonar os pais enquanto objetos incestuosos, vale lembrar que essa perda de objetos é sempre parcial; nossas expressões faciais, corporais e modos de pensar se relacionam com pessoas ao nosso redor, de gêneros distintos, que nos constituem nesse processo identificatório.

Das *Unheimliche*, o estranho familiar

A partir dessa retomada da teoria freudiana, é possível pensar que há uma estranheza familiar nessa trajetória. Há presente em nós um outro distinto que nos constitui, sendo que esse outro é diverso e múltiplo, assim como nossas experiências. Com isso, vale pensar o que, de fato, significa algo tido como “estranho”. Estranho seria algo que fere nosso ideal narcisista por não nos reconhecermos no espelho? Esperamos que o mundo sempre seja feito à nossa imagem ideal? Vale ressaltar, em outras palavras, que vivemos numa cultura compartilhada; nos constituímos aí também.

Sobre a temática da estranheza, é possível destacar o texto de Freud (1919) sobre o estranho familiar que nos assola nas relações. O autor afirma que há novidades que não são recebidas com estranhamento, sendo que algo deve ser acrescentado aí para que a experiência seja vivida de maneira incômoda. Em muitos momentos do texto, ele busca diferenciar o “*Unheimlich*” enquanto algo ligado ao estrangeiro assustador e o “*Heimlich*” para se referir ao doméstico e familiar. Vale pensar que tudo o que vem de fora precisa ser de algum modo domesticado internamente, para que o sujeito não se sinta ameaçado nesse contato com o mundo. Nessa tentativa, o que fica indomável? E de novo, o desejo: ele que nos assola de tal modo. O desejo é o nosso estrangeiro familiar e desconhecido que gera estranheza. Não há conforto no material reprimido, por isso ele o é. Não à toa, uma das circunscrições feitas por Freud (1919) para tratar do *Unheimlich* é a noção de algo que deveria ter permanecido ocultado, mas veio à tona e trouxe pavor. Sendo assim, o desejo é, muitas vezes, nosso tabu pessoal, que nos mantém pulsando, vivos, e ao mesmo tempo nos horrorizando ou adoecendo, por ser também insuportável.

Ainda seguindo Freud (1919), ele afirma que algo só é desconfortável porque nos toca e revela sobre nós. Interessar-se pelo distinto familiar, mesmo através da violência propagada pelo preconceito, só é possível porque o objeto soou como um convite interno, despertando nossos des-padrões e nos desafiando diante de nossa singularidade. Tem gente que nega tanto o desejo e, portanto, a própria diversidade, que resta apenas destruir o objeto que o desperta. Desse modo, pode-se pensar que alguns elementos da subjetividade são insuportáveis para os sujeitos que se deparam com o próprio desejo, principalmente levando em conta o quesito sexual.

As expressões da sexualidade e suas conseqüentes proibições geraram marcas na história, pensados tanto por Freud quanto por Foucault. Ainda destacando o psicanalista, ele diz sobre a importância de se atentar a temas de estranheza que aparecem

mais, como, no caso do presente texto, a sexualidade e as questões de gênero o são. Para tanto, ele desenvolve uma noção complexa sobre o “duplo”, que seria uma espécie de representante do tabu, como algo desejado e criticado pelo humano. Seria algo que divide o ego e o superego a partir do material reprimido. Diante desse material, o ego é tomado por uma ânsia de defesa, que o leva a projetar para fora aquele material como algo estranho a si. Ao ser localizado no externo, o amedrontador e o desconfortável retornam do inconsciente à consciência, fazendo com que o sujeito se veja no outro e o rechace por não aceita-lo em si. Todo esse processo acaba sendo guiado, por fim, pelo desejo narcísico do sujeito, que busca se aproximar do ideal (do ego) almejado. E completa, finalmente, que “...esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão” (Freud, 1919, p. 301).

Para ilustrar esse mecanismo com clareza, ele utiliza o exemplo da loucura, que desperta a sensação do estranho familiar em nós, já que esta nos constitui e nos revela de maneira incômoda. Quantas vezes já escutamos a frase que “psicólogo ou psicanalista é coisa de doido”? Como se questões de saúde mental não envolvessem a sociedade como um todo. Da mesma maneira podemos pensar o fator do gênero em nossos processos identificatórios. Se antes do Édipo tal noção era inexistente para a criança, o que teve de ser reprimido para a construção do mesmo?

É no Édipo que o sujeito se dá conta da diferença sexual e se depara, também, com as consequências diante da falta. O outro deixa de ser aquele que elege o bebê como majestade e se transforma em alguém que anuncia o desprazer por revelar a diferença e, assim, a impossibilidade da completude infantil. Dessa forma, o narcisismo das pequenas diferenças faz com que o sujeito se reafirme para não ser engolido pelo distinto e incômodo. Aqui, referimo-nos a um narcisismo frágil em curso, que se reafirma enquanto ideal e violenta o outro que lembra de sua diferença faltante, sendo que essa também constitui psiquicamente. O ódio e a agressividade entram em cena na tentativa de eliminar o estranho familiar que assola o eu amedrontado.

Sexualidades e a norma

Freud afirma ao longo de sua obra que fazemos uma escolha inconsciente de objeto e que essa se liga aos prazeres da infância. Seria apenas uma mesmo? Se nesse período, a sexualidade era diversa, então vale pensar porque algumas escolhas de objeto na vida adulta levam ao preconceito, além dos fatores já trabalhados no texto. Em 1905, Freud escreveu sobre a sexualidade humana. Nesses três ensaios, o autor esclarece que as noções de perversão sexual acarretam todos nós, afinal a perversão se refere às atividades sexuais que não visam à reprodução.

Retornamos novamente a Foucault (1978) e à existência da norma. A busca por determinar padrões normais de sexualidade surge na tentativa de controlar os sujeitos e determinar o que é o patológico, a ser atacado e evitado. Nessa perspectiva, temos a contribuição da medicina e do exercício do biopoder, como, por exemplo, a crença na onipotência da ciência, que defende a ideia da formação do cérebro do sujeito já no útero da mãe como base determinante do desenvolvimento sexual – que seria já pré-moldado por sinapses e hormônios. Vemos aqui a lógica da não liberdade dos indivíduos com seus corpos, pois existe a previsão de como isso será realizado antes mesmo de seu nascimento. Tal crença se baseia numa verdade universal disseminada através do discurso médico, ao qual o exercício do poder vem através das determinações das práticas sociais,

estabelecendo o normal e produzindo a anormalidade. Sendo assim, o discurso do poder sobre os corpos aprisiona os sujeitos em fórmulas que eliminam o pensar e a experiência, subjugando as mesmas.

Por essa via, quando a sexualidade não expressa a verdade vigente segundo a norma, os investimentos violentos surgem para tentar enquadrar o que rompeu com o discurso em pauta. A obsessão pela verdade universal revela, de maneira brusca, a violência que há nessa busca infundável – há de se pensar que quanto mais o falo é ressaltado, maior se torna o vazio da falta. Diante desse movimento, é possível levantar também o papel do capitalismo enquanto excesso de produção (de discursos) e o incentivo ao consumo (da verdade). A patologização das manifestações de gênero e o excesso de medicalização se reúnem e se expressam aí. Jorge Leite Júnior, professor da UFSCar, escreveu um excelente livro sobre gênero e questões corporais. Em 2014, ele publicou um artigo sobre essa temática, que critica a questão do discurso da científico, afirmando que:

Não há mais lugar na ciência para alguém com os dois sexos/gêneros, apenas pessoas com um sexo e seu pressuposto e culturalmente criado gênero correspondente. [...] cujo reconhecimento vai da aparência dos genitais aos mais sutis elementos químicos encontrados no sangue [...] (Leite Júnior, 2014, p. 44).

O autor destaca também a união do campo científico à religião, baseados no argumento teológico de que a função humana teria o objetivo, se não único, de procriar a espécie. Nessa visão, a busca pelo prazer e o desejo inconsciente ficam deslocados. Onde as produções subjetivas encontrariam espaço para se manifestar aí?

Como complemento às ideias de Leite (2014), Freud (1925) descreve sobre o “hermafroditismo psíquico” que comportamos, ou seja, uma interação entre masculino e feminino em nossa constituição e expressão. Na história da sexualidade, Freud tem o belo papel de nos lembrar que a verdade do sujeito é o seu desejo inconsciente, que escapa ao discurso vigente. O desejo pode ser reprimido, mas jamais eliminado, sendo ele o que nos move – e vale lembrar que ele nasce das primeiras experiências de satisfação da criança, ainda não havendo as diferenciações entre masculino e feminino.

Desse modo, porque os outros teriam que sofrer as consequências de um eu que se sente ameaçado diante da diferença? Em muitos momentos, a sociedade se pauta em padrões imaginários, se sustenta em falsos ideais e exige que todos se adequem a esse espelho vazio e desvitalizado da norma, afinal a diversidade e as expressões subjetivas não cabem nesse reflexo, já retomando Deleuze (1988) em sua fala.

Vale ressaltar que o texto de Freud (1919) sobre O Estranho não é uma justificativa para as investidas violentas e preconceituosas, mas sim um convite para pensar em tais elementos e o que fazer com os mesmos, já que circulam constantemente na sociedade. Se o não dito adocece, nosso papel enquanto psicanalistas seria o de trabalhar com a palavra e com o que não pode ser falado, mas sempre lembrando que o mesmo se revela nas entrelinhas, entre vírgulas, presenças e ausências. Se o psicanalista atua pensando na ética do desejo, temos o dever de abrir espaço ao direito à palavra, visando a dignidade dos sujeitos e defendendo o direito à diversidade. Afinal, a expressão da sexualidade que é singular e múltipla não pode ser um impedimento ao livre acesso à saúde, educação e segurança – elementos que entram em jogo diante das expressões de violência contra tais sujeitos e o que os mesmos representam inconscientemente para a sociedade.

O que há no prazer, nas expressões subjetivas do outro que capturam o prazer sádico e perverso de vigiar e punir? Entre 2016 e 2017, o Grupo Gay da Bahia (GGB) registrou um aumento de 30% nos homicídios de LGBTs pelo país, “passando de 343 para 445”. Segundo o levantamento, obtido pelo GLOBO, a cada 19 horas, um LGBT é assassinado ou se suicida vítima da ‘LGBTfobia’, o que faz do Brasil o campeão mundial desse tipo de crime”¹. É fundamental refletirmos, produzirmos materiais e ações para que as vivências sociais não se limitem ou desapareçam diante da atividade desmedida do outro – que de tão extrema, pode matar. Nesse sentido, vale pensar na potência dos grupos, sendo a posição dos Direitos Humanos uma possível ação nesse embate.

O papel social na estruturação do sujeito, nas leis que organizam as disputas ligadas às disparidades, visa proporcionar a edificação do ser humano na sociedade, que diante do estranho-familiar age visando à sua inexistência, sendo um desses indícios, a diminuição de seus direitos. A marginalização dessas populações através de movimentos de exclusão social promove o adoecimento pela diminuição ou falta de ligações afetivas. Se, para Freud (1930), devemos amar a fim de não adoecer, então criar leis para (re)incluir tais sujeitos se faz fundamental. Além disso, as leis de proteção podem ser pensadas enquanto uma *tentativa* de barrar as pulsões que se direcionam para a eliminação do estranho familiar, identificado enquanto fonte do desprazer (que na realidade é interna). Sabemos que não é uma tarefa simples, mas justamente por isso, devemos nos engajar em tais reflexões e agir.

O texto de Freud (1921) *Psicologia das Massas e análise do Eu* muito tem a contribuir sobre os movimentos e atividades dos grupos, que podem ser pensados tanto pela lente das construções afetivas e o compartilhamento da cultura que levam em conta a alteridade, quanto como movimentos destrutivos, que visam eliminar o inimigo identificado como o distinto, que abala os ideais do grupo. Se o sujeito se sente mais forte dentro de um grupo, já que seu ego é visto e sustentado pelo ideal coletivo, as ações de ódio e preconceito ganham voz e corpo quando tais sentimentos são legitimados pelos movimentos de massa na qual o indivíduo se estabelece. Sendo assim, há de se pensar como atingir os coletivos que agem contra manifestações que se distinguem de um eu frágil e que se apoia na noção grupal. Novamente, a intervenção de ações ligadas aos Direitos Humanos pode ser uma alternativa frente à ausência de diálogo e presença de violência – elementos muito bem trabalhados por Freud (1930).

Por fim, vale destacar que é fundamental não confundir igualdade de direitos com ações de caridade. A igualdade é levar em conta a diversidade que a subjetividade humana expressa, considerando as diferentes manifestações e demandas que surgem a partir do eu social, que carrega consigo seus desejos. Pensar e agir com base nessa constatação pode ser uma maneira de enfrentar as normas sociais – sendo que estas visam a manutenção das estruturas de poder. Já a caridade acaba por manter o *status quo* das relações sociais, preservando as estruturas de poder *acima* dos direitos dos cidadãos. Desse modo, sem mudanças nas estruturas de poder (e os conflitos internos podem ser considerados aqui), as relações se manterão as mesmas. Freud (1914) afirma que repetimos quando não podemos elaborar a situação.

O pensador francês Baudrillard (1990) faz críticas interessantes sobre o discurso dos direitos humanos. É sempre importante, no entanto, não jogar o bebê junto com a água do banho. O autor se refere ao fato de cuidar para que o discurso em prol dos direitos humanos não se converta em legitimação mal disfarçada diante da violência que fixa tais grupos nessas condições marginalizadas. A ideia seria de pensar nas possíveis causas das expressões de violência e disparidades, para então propor alterações aí, não se fixando

apenas em mascarar suas ações com discursos esvaziados, que permitem as causas continuarem circulando livremente e silenciosamente. Como muito discutimos em psicanálise, é fundamental considerar as “causas” em vez de tentar modificar o sintoma, uma vez que o sintoma só expressa o conflito inconsciente, que deve ser trabalhado por carregar consigo o desejo do sujeito e, portanto, sua verdade inconsciente.

Nesse sentido, o não dito sobre os temas, no caso, sobre gênero², acaba por adoecer, justamente porque faz com que a violência circule inócua e naturalizada, sem ter nome ou formas identificadas. De acordo com Foucault (1978), o saber produz os temas sobre os quais estudamos. Sendo assim, o silêncio mantém as estruturas de poder ativas e predominantes, pois estas não são identificadas e a partir daí combatidas. O silêncio é, portanto, aprisionador. E é o oposto do desejo, que está sempre pronto para se expressar, vide os sonhos, atos falhos e sintomas, por exemplo. Com isso, o embate entre o mantimento das estruturas de poder versus a manifestação do desejo que subverte a lógica de um poder social (sociedade como tentativa de controle dos desejos individuais) gera a violência. Se o desejo é desconhecido, ele assusta. A tentativa de silenciá-lo é um caminho certo para o adoecimento. Como então é possível viver em sociedade se sua estrutura busca, dentro de uma normalização, barrar o desejo e as expressões subjetivas? Deve-se considerar, ainda, que o excesso e a ausência das expressões de desejo são enlouquecedores. Deparamo-nos, por fim, com um paradoxo, que é o desafio de se manter em sociedade, discutido por Freud (1930) em *O Mal-estar na civilização*.

Finalizando o que não se encerra:

Durante as pesquisas sobre o desenvolvimento da sexualidade humana, Freud (1905) afirmou com veemência que ainda haveria material para o estudo desse tema para os próximos 100 anos. Passado esse tempo, ainda estamos distantes de compreender tudo (se é que é possível) o que o assunto nos pode ensinar e, um dos aspectos que dificulta tal busca se liga à resistência que a temática desperta – fato que impacta diretamente a sociedade. Na tentativa de aproximação aos enigmas da sexualidade, ainda buscamos embasamentos *teóricos* para lidar com nossos corpos e desejos – estratégia que, de certo modo, faz com que algo fique inapreensível no campo da experiência com o outro. Há algo que escapa ao simbólico; entretanto, se o corpo fala o que a palavra cala – ensinamento precioso que a Psicanálise nos traz – como podemos ouvir a pluralidade do desejo expressa em nossos contornos subjetivos sem nos reduzirmos a normalidades assépticas impostas? Nesse sentido, o que nos habita e escapa do doméstico não pode ser domesticado pelas imposições sociais.

Se, ao estudar a sexualidade humana, nós a produzimos, como diria Foucault (1978) sobre a loucura, mantemos o desafio de criar um saber oposto às amarras opressoras que disciplinam e determinam ortopedicamente o eu, massacrando as expressões subjetivas. Em outras palavras, é fundamental que as trocas sobre o tema possibilitem a criação de saberes que libertem os sujeitos, em que “O estranho” seja desvelado e, quem sabe, desejado sem tanto adoecimento.

Referências

- Baudrillard, J. (1990). *A Transparência do Mal*. Campinas, SP: Papirus.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Deleuze, G. (1988). *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Recuperado de <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>
- Foucault, M. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- Freud, S. (1905/1969). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. VII). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1914^a/1969). *Recordar, repetir e elaborar*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. XII). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1919/1969). *O estranho*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (V. XVII). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1920^a/1969). *Psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, (Vol. XVIII). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1921/1969). *Psicologia das Massas e análise do Eu*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, (Vol. XVIII). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1925/1969). *As resistências à psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (V. XIX). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1930/1969). *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (V. XXI). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Leite Júnior, J. *A interiorização do “verdadeiro” sexo e a busca pelo “verdadeiro” gênero*. In: Coelho, M. T. Á. D.; Sampaio, L. L. P. (Orgs.). *Transexualidades: um olhar multidisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2014, p.41-51.
- Migueluez, O. M. (2007). *Narcisismos*. Editora Escuta: São Paulo – SP.

Notas:

1. Notícia completa em < <https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crecem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>

2. Vide acusações do movimento Escola Sem Partido, afirmando que a escola irá promover “ideologia de gênero”, caso o assunto da sexualidade seja abordado no ambiente educacional. Igualmente, o atual governo (2019-2022) também se baseia na propagação de notícias falsas sobre a temática, alarmando a população sobre ideologia de gênero nas escolas.

Citação/Citation: Oliveira, C. (2023). *Gênero e Unheimliche: reflexões psicanalíticas sobre preconceito e violência*. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XV, no. 2.), pp. 85-95.

Recebido em: 18/10/2023
Aprovado em: 07/11/2023